

O Projeto MAC 21: compartilhando uma experiência de exceção

Paulo César Ribeiro Gomes

Professor na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Coordenador da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo – Setor de Acervo Artístico do Instituto de Artes/UFRGS.

A indicação, o convite e o seu significado

O objetivo dessa comunicação é divulgar uma experiência profissional de exceção no contexto da administração de instituições museais públicas no Rio Grande do Sul. Trata-se do **Projeto MAC 21** para aquisição de obras de arte representativas da produção contemporânea em artes visuais. Seus objetivos eram os de incorporar ao acervo do Museu de Arte Contemporânea do RS - MAC-RS obras de artistas reconhecidos nacionalmente e democratizar o acesso dessa produção a um público heterogêneo. Proposto ao **PRONAC – Prêmio Pró-Cultura Marcantonio Vilaça**ⁱ, foi executado no período de 2011/2012 e consistiu, naquele momento, numa operação inédita no contexto das instituições museais públicas locais.ⁱⁱ O projeto enviado, intitulado MAC-21 recebeu o número 115145 e proposto pela Associação dos Amigos do Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul que declara nos seus objetivos

O projeto MAC 21 é uma proposta de aquisição de obras de arte representativas da produção contemporânea em artes visuais. Pretende incorporar em ao acervo do Museu de Arte Contemporânea do RS – MAC, obras de artistas reconhecidos nacionalmente e, dessa forma, democratizar o acesso dessa produção a um público heterogêneo.

O surgimento do MAC-RS foi marcado pela polêmica mas, fundamentalmente, ele foi o resultado do empenho pessoal de seu fundador e primeiro diretor, o artista visual Gaudêncio Fidélis. Criado pelo decreto nº 34.205 em 04 de março de 1992, é um órgão vinculado à secretaria estadual da cultura e tem por objetivo pesquisar, preservar e divulgar a arte contemporânea regional, nacional e internacional. Sua história, após o sopro inicial que lhe deu vida, foi marcada, desde então pelas inúmeras dificuldades e problemas de toda ordem. Desde o fato de ter sido inaugurado sem a instauração formal de um corpo técnico e de uma sede definitiva, até o desapego e pouco caso de alguns governos, ele esteve praticamente à margem dos processos de qualificação e desenvolvimento que alguns dos museus do país passaram nos anos anteriores. Sua história, complexa, dramática e até mesmo trágica, em muitos momentos de quase total abandono, não cabe nessa comunicação, mas pode ser lida nos inúmeros documentos produzidos a seu respeito.ⁱⁱⁱ

A indicação do meu nome para proceder a curadoria do projeto MAC 21 – indicação e escolha das obras a serem adquiridas – deve-se, conforme justificativa do Diretor do MAC,

ao meu histórico junto ao sistema de artes local: uma longa vivência de mais de vinte anos como agente cultural atuando como administrador, curador, crítico, historiador e professor. Evidentemente que essas características são compartilhadas com muitos outros colegas de profissão, da minha geração e de gerações anteriores mas o dado decisivo, que levou André Venzon^{iv} a me indicar, deveu-se ao fato de eu ser um participante ativo do MAC-RS desde a sua fundação.

O primeiro contato com o MAC_RS deu-se ainda na inauguração. Enquanto Assessor Cultural do MARGS, na gestão do arquiteto Albano Volkmer (1991-1994), fui convidado a curar uma mostra com obras do acervo do MARGS para inaugurar e legitimar institucionalmente a criação do museu, visto que, naquele ano de 1992, momento de sua inauguração, o MAC foi considerado inoportuno enquanto empreendimento, já que havia um museu de arte local – o MARGS – que cumpria o papel esperado e, mais importante, estava carente de atenção e cuidados. Considerando o tempo, o espaço e as condições oferecidas, propus uma exposição histórico-retrospectiva mostrando, através de uma seqüência de obras, a consolidação do modernismo na arte brasileira e local, mostra intitulada **Décadas de Consolidação**^v.

Quando o Andre Venzon me convidou para a missão MAC 21 aceitei sem contestações, sem perguntar o que isso implicaria, se seria uma atividade remunerada, quanto tempo me exigiria, ou seja, pura e simplesmente aceitei, por que era para o MAC e por entender que era minha obrigação fazer o que fosse possível para que o museu consolidasse sua posição, depois de tantos anos de dificuldades e de sua quase extinção. Essa foi uma das razões que nos levaram, a mim e a um grupo de artistas, através da Associação de Artes Plásticas Francisco Lisboa, a elaborar um documento com as diretrizes para a área a ser encaminhada aos candidatos ao governo do Rio Grande do Sul nas eleições de 2010, na qual o MAC recebeu o merecido destaque. Ao tomar conhecimento preciso da proposta MAC 21 fiquei impactado com o seu alcance simbólico e a sua dimensão profissional.^{vi}

Mas o projeto MAC 21 foi uma proposta de trabalho que atingiu em cheio minhas expectativas profissionais: na verdade era o contrato de trabalho ideal. O privilégio de escolher obras para uma coleção pública, em contato direto com os artistas em seus ateliês, por todo o país e nas melhores condições possíveis: eu iria comprar obras! Depois de tantos anos trabalhando com uma situação de total penúria, dependendo de longas argumentações junto aos artistas para a doação de obras (negociações quase sempre bem sucedidas, devido a generosidade, o desprendimento e a consciência social dos artistas) finalmente eu poderia chegar a seus ateliês e propor uma compra. Era um privilégio que poucos

profissionais no Brasil tiveram, era a culminação de uma etapa profissional e uma compensação pelos anos de dedicação e empenho. O MAC 21 era um projeto de sonho!^{vii}

O projeto e seus critérios

Fundado em 1992, o MAC-RS teve seu acervo constituído de doações de artistas convidados pela instituição. Desde sua inauguração o museu contou com um representativo acervo da produção local e, nos anos subseqüentes, esse acervo foi enriquecido seguindo os mesmos critérios. Não existiu, até o momento do projeto MAC-21, uma política de acervo, para definir o perfil da coleção e as estratégias de aquisição. Ou seja, as ofertas eram compulsoriamente aceitas, processo naturalmente incerto no que diz respeito a qualidade e a representatividade da obra e/ou de seu autor. Para a inscrição no edital do PRONAC – Prêmio Pró-Cultura Marcantonio Vilaça a equipe do MAC-RS procedeu a uma cuidadosa reavaliação do acervo e de sua representatividade. A partir dessa operação, listou 21 artistas que deveriam constar na coleção, a partir da análise de sua reputação, da importância no contexto da arte contemporânea, da sua ausência ou pouca representatividade no acervo do MAC-RS. Nesse momento fui convidado a participar do projeto e, com a aprovação da proposta, foram feitos os contatos com os artistas indicados e iniciou-se o processo de aquisição das obras.

No Projeto MAC 21 foi explicitado que o critério para a aquisição das obras seria a “Representatividade da obra dentro do contexto histórico de produção dos artistas”, conforme estabelecido no formulário de inscrição do projeto e esse era um critério, por si só, suficiente para nortear a aquisição das obras. Se era um bom critério para aqueles artistas que não tinham obras no MAC, seria o mesmo para aqueles que já tinham? Considerando que o MAC-RS é um museu público, vinculado ao Estado e a sua Secretaria de Cultura, tínhamos obrigatoriamente que levar em conta também o acervo do MARGS, outra instituição de mesmo caráter dentro dos equipamentos estaduais. Naturalmente, ampliando a questão, consideramos também as outras instituições museais públicas locais, como as Pinacotecas Aldo Locatelli e Ruben Berta (Prefeitura Municipal de Porto Alegre) e a Pinacoteca Barão de Santo Ângelo (Instituto de Artes/UFRGS), instituições que sempre mantiveram excelentes relações entre si. Levando isso em consideração, os critérios de indicação de obras ficaram mais complexos, mas, ao mesmo tempo, nos permitiria inaugurar um sistema de colecionismo responsável entre nós, que temos sérias carências de representatividade contemporânea em nossos acervos. Assim foi estabelecido que cada artista e obra(s) seriam analisadas levando em consideração a sua relevância intrínseca na carreira do artista, da obra para o acervo do MAC, da representatividade do artista dentro dos acervos públicos do RS e da complementaridade da obra do artista junto ao mesmo

segmento. Ao final do levantamento chegamos a uma lista final que indicava que dos 21 artistas nomeados, apenas oito tinham obras nas coleções locais e, destes, apenas cinco tinham obras no MAC-RS.

Análise da situação dos artistas indicados nas coleções locais

A lista de artistas, previamente elaborada pela direção do MAC, a partir da análise da coleção do museu (e da ausência de artistas e/ou obras contemporâneas), tinha também como critério a trajetória dos indicados em exposições e eventos coletivos e individuais nos últimos anos. Foram indicados artistas de diferentes gerações, o que ampliava o conceito de contemporânea para além dos recortes geracionais. A inclusão de artistas consagrados, com trajetórias iniciadas nas décadas de 1960 e 1970, indicava dois dados importantes: o museu tinha carências históricas consideráveis e, as produções desses artistas mantiveram independente de idade e/ou geração, uma atualidade notável com as características da produção contemporânea. O outro grupo de artistas, das gerações 1980-1990, tinham produção e posição consolidadas no sistema de artes através de mostras e participações em eventos nacionais e internacionais. Essa era a geração com maior representatividade nas nossas coleções públicas sem, entretanto, caracterizar uma amostragem representativa de sua contemporaneidade. O terceiro grupo é o dos artistas era efetivamente o dos artistas contemporâneos do nosso tempo: jovens que surgiram no século atual, que mantêm um vínculo orgânico e consistente com a atualidade e estão em plena potência criativa. Esse era o grupo praticamente sem representatividade em coleções públicas locais, mormente o MAC, apesar de serem conhecidos e já ter exposto em mostras locais, coletivas ou individuais.

| ARTISTAS | COLEÇÕES PÚBLICAS RS | | | |
|-------------------------------|----------------------|-------|------------|-------|
| | MAC | MARGS | PREFEITURA | UFRGS |
| GERAÇÃO 1960/1970 | | | | |
| Bruscky , Paulo | - | - | - | - |
| Leirner , Néelson | - | Sim | - | - |
| Meirelles , Cildo | - | - | - | - |
| Pasquetti , Carlos | - | Sim | Sim | Sim |
| Silveira , Regina | - | Sim | Sim | Sim |
| Vergara , Carlos | - | - | - | - |
| GERAÇÃO 1980/1990 | | | | |
| Cattani , Maria Lucia | Sim | Sim | Sim | Sim |
| Cemin , Saint Clair | Sim | Sim | - | - |
| Corrêa , Walmor | - | - | - | - |
| Costi , Rochelle | - | - | - | - |
| Koch , Lucia | - | - | - | - |
| Nicolaiewsky , Alfredo | Sim | Sim | Sim | Sim |
| Rennó , Rosângela. | - | - | - | - |
| Tedesco , Elaine | Sim | Sim | Sim | - |
| Vicente , Gil | - | - | - | - |
| Waldraff , Têti | Sim | Sim | - | - |
| GERAÇÃO 2000 | | | | |
| Braga , Rodrigo | - | - | - | - |
| Conceição , Rommulo | - | - | - | - |
| Gadelha , Denise | - | - | - | - |

| | | | | |
|----------------------|---|---|---|---|
| Menna Barreto, Jorge | - | - | - | - |
| Oliveira, Henrique | - | - | - | - |

Quadro 1: Artistas MAC 21 nas coleções públicas no RS (Porto Alegre)

As aquisições: os contatos, as visitas e as obras escolhidas

Após a aprovação do projeto a equipe do MAC procedeu ao contato com os artistas, informando-os do projeto (finalidades, características, especificidades) e solicitando uma declaração de aceite e adesão^{viii}. Fechada a lista, com as confirmações, foi organizada a pauta de contatos pessoais com os artistas e o subsequente agendamento de entrevistas. O processo de aquisição foi através do contato pessoal desse curador do projeto e do diretor do MAC-RS, nas cidades de Porto Alegre (RS), Recife (PE), Rio de Janeiro (RJ) e São Paulo (SP), em visitas aos ateliês que ocorreram entre 09 e 27 de maio de 2012. A última etapa consistiu em negociações com a galerista Marga Pasquali^{ix}, também nominada no projeto, que procedeu aos contatos com os artistas residentes ou que estavam fora do país. Cumprir a agenda de visitas foi a etapa mais empolgante, mais enriquecedora e mais satisfatória do projeto.

No Rio Grande do Sul

Iniciamos em Porto Alegre com a visita ao ateliê de **Alfredo Nicolaiewsky** (Porto Alegre, RS, 1952), um dos artistas mais bem representados, com obras de diversos períodos de sua trajetória em todas as coleções de referência. A análise das obras indicava um perfil satisfatório da sua carreira faltando, entretanto, um trabalho recente que completasse a sua trajetória de desenhista, pintor e fotógrafo. O trabalho escolhido correspondia plenamente ao esperado: um amplo conjunto fotográfico de caráter narrativo, de imagens apropriadas de filmes, que sintetizava sua trajetória concentrando seus principais temas e questionamentos em um único trabalho. A visita seguinte foi ao ateliê de **Elaine Tedesco** (Porto Alegre, RS, 1963), também uma artista bem representada nas coleções locais. A proposta da artista foi a de complementar sua representação nas coleções com a inclusão de trabalhos de épocas diferentes, incluindo instalações e fotografias. O conjunto proposto – uma instalação, uma cabine e fotografias –, superou em muito as expectativas e, a manifestação da artista ao justificar a proposta de que ela possibilitaria ao museu ter uma significativa amostragem da sua obra, tornar-se-ia uma constante na maioria dos contatos subsequentes.

A visita a **Maria Lucia Cattani** (Garibaldi, RS, 1958 – Porto Alegre, RS, 2015) (FIGURA 1) também foi pautada pela cordialidade e pelo entusiasmo com o projeto. Cattani, uma artista bem representada nas coleções locais, propôs que o trabalho intitulado **Um Ponto ao Sul**, livro de artista com 24 xilogravuras. Complementando o conjunto a artista propôs outro trabalho seriado, intitulado **18 vezes**, consistindo em varetas impressas e suspensas em um

painel, caracterizados pelo mesmo rigor e refinamento artesanal. **Walmor Corrêa** (Florianópolis, SC, 1960) propôs, dentre os trabalhos disponíveis, parte de uma instalação intitulada **Lixo_Série Você_que_faz_versos**, composta de tonéis, taxidermia, resina, porcelana, plástico e papel. É um trabalho com as melhores características do fazer artístico de Walmor: requintado artesanato a par de uma inteligente e contundente crítica cultural. Para a obra de **Rommulo Vieira Conceição** (Salvador, BA, 1968) a par do conhecimento prévio, analisamos também o farto material documental apresentado pelo artista. Optamos por uma instalação inédita, que condensa as pesquisas do artista nas questões da percepção e da representação do espaço. As obras de **Téti Waldraf** (Santa Cruz do Sul, RS, 1959) foram escolhidas por apresentarem as melhores suas características formais, o requintado artesanato e a apropriação de objetos industriais, e sua profunda ironia e habilidade construtora. Suas esculturas impõem ao espectador uma dupla consciência: de um lado a banalidade dos seus componentes e, de outro, a riqueza metafórica que elas propõem. **Carlos Pasquetti** (Bento Gonçalves, RS, 1948), também bem representado nas coleções públicas, principalmente como desenhista, carecia de um trabalho que desse a dimensão conceitual de sua obra. Tivemos a oportunidade rara de conversar com ele em sua exposição, o que permitiu uma ampla série de considerações em torno de sua obra e também fazer os paralelos entre suas obras de outros momentos e a atual. Optamos pelo trabalho intitulado **Espaços para esconderijos**, série de 16 fotografias (1973/1975), obra de significativa na produção do artista com denso significado político.

Em São Paulo

No ateliê de **Lúcia Koch** (Porto Alegre, RS, 1966), vimos uma sequência de trabalhos desenvolvidos nos últimos anos, que têm a luz como principal elemento. Artista de grande inventividade, sua fotografia é um modo, dentre tantos outros utilizados pela artista, para captar a luz e torná-la mais do que um elemento construtor, a própria essência do trabalho. Era uma artista inexplicavelmente sem representatividade nas coleções locais. A escolha de um trabalho para compor a coleção do MAC transformou-se numa espécie de quebra-cabeça: qual a obra que melhor representaria sua trajetória? Qual obra seria a mais significativa considerando a visibilidade que seu trabalho tem mantido entre nós? A escolha foi feita por conciliação: dentre as possibilidades apresentadas ficamos com uma das grandiosas fotos da série **Fundos**, uma imagem a um só tempo realista e fantástica, que conjuga dois interesses caros a artista: a arquitetura e a luz. O encontro com a gaúcha **Rochelle Costi** (Caxias do Sul, RS, 1961) foi na galeria paulista que representa seus trabalhos. Uma das primeiras observações da artista foi a de que estava feliz por fazer parte de um projeto para um museu do Rio Grande do Sul, local no qual deu início a sua carreira, consolidou seu nome em eventos de projeção nacional e que não contava com uma obra

sua em coleções públicas. Rochele propôs duas fotografias da série **Mudanças**, imagens irônicas e, ao mesmo tempo, dolorosas, que exemplificam as armadilhas do enriquecimento acelerado das classes trabalhadoras do Brasil. Ao nos receber em seu apartamento, **Henrique Oliveira** (Ourinhos, SP, 1973) nos entregou catálogos de suas mostras e nos mostrou algumas pinturas. Nos dirigimos então ao seu ateliê, no qual pudemos acompanhar o processo de criação de suas obras, trabalho notável pela potência criadora e pela inventividade, que já havíamos visto em Porto Alegre na 7ª Bienal do Mercosul (2009). Henrique nos alertou sobre a impossibilidade de atender nossos desejos de termos uma escultura no MAC, devido ao reduzido tempo disponível, mas ofereceu uma pintura, obra na qual ele experimenta procedimentos assemelhados (estruturação por sobreposições e colagens de lâminas de tinta) buscando resultados complementares as suas experimentações tridimensionais. O ateliê de **Denise Gadelha** (Belém, PA, 1980), no centro de São Paulo, mal comporta a intensa energia da artista. Fomos apresentados ao seu trabalho de maneira sistemática e contínua: pudemos ver inúmeros vídeos de épocas diversas e uma grande quantidade de fotografias. As expectativas da artista de oferecer ao MAC fotografias coincidiam com as nossas: daí em diante foi o trabalho de negociar o que seria mais representativo para a coleção. Optamos pela série **Vendo com outros olhos**, uma série de retratos de pontos turísticos de Porto Alegre, fotografados na retina de seus observadores: um conjunto cuidadosamente elaborado e executado e dotado de um prodigiosamente potente espírito evocativo. Com **Regina Silveira** (Porto Alegre, RS, 1939) as tratativas foram diretas e objetivas: a artista, notável pelas generosas doações que fez ao MARGS na década de 1980, ofereceu ao MAC um trabalho de sua especial atenção. Trata-se do projeto **Lumem^x**, desenvolvido para o Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofia, O conjunto completo é composto de uma maquete em acrílico, uma impressão digital em papel fotográfico com detalhes do projeto, imagens da montagem e da instalação pronta e assim; o modelo digital da instalação e um fragmento, medindo 2,37 x 1,26 m. do *backlight* Lúmen. Mais do que um projeto e muito além de uma série de fragmentos, trata-se de desenvolvimento poético do trabalho e de sua instauração enquanto obra, um conjunto que é, ao mesmo tempo obra e documento, um precioso testemunho da inventividade e da capacidade projetiva de uma artista excepcional.

Em Recife

Gil Vicente (Recife, PE, 1958) foi o primeiro artista que visitamos em Recife: foi a oportunidade de rever esse notável artista que já havia exibido seus trabalhos em duas oportunidades em Porto Alegre, sendo uma delas a mostra excepcional de desenhos no MAC em 2000 e outra mais recentemente, na qual ele mostrou na 3ª Bienal do Mercosul em 2009. Gil nos apresentou em seu ateliê na Boa Viagem uma verdadeira retrospectiva de

seus trabalhos, declarando seu contentamento e sua disponibilidade em participar do projeto. A obra escolhida, depois de inúmeras considerações, foi um desenho excepcional, pela dimensão, pela fatura e pela representatividade dentro de sua obra. O ateliê de **Paulo Bruscky** (Recife, PE, 1949) é a imagem fiel do seu proprietário: um universo em franco desenvolvimento e evolução através de milhares de documentos, papéis, objetos, quadros, esculturas, caixas de arquivo, pastas, livros, folhetos etc. Assíduo freqüentador de Porto Alegre, do Atelier Livre da Prefeitura as Bienais, Brusky caracteriza-se pela hospitalidade e pela excelência de sua conversa. Explicamos-lhe o projeto e ele prontamente concedeu sua anuência através de um gesto magnânimo, oferecendo-nos a sua obra completa em vídeo e cinema, recém-editada e organizada, para integrar o acervo do MAC.

No Rio de Janeiro

Rodrigo Braga (Manaus, AM, 1976) foi o primeiro artista que visitamos no Rio de Janeiro. Com uma calma e tranqüilidade que se contrapõe frontalmente ao vigor e a violência visual de sua obra, ele nos introduziu lentamente no seu universo, falando de sua trajetória, mostrando catálogos com seu trabalho e apresentando alguns de seus vídeos. Estas são obras notáveis pelo rigor formal, pela dimensão filosófica e pela consistência cultural, de elaborada instauração e de complexa realização, ocultadas pela aparente simplicidade formal dos resultados. São rituais filmados, com todo o aparato de documentários, mas sem perder a dimensão estética da vídeoarte. Visitar o ateliê de **Carlos Vergara** (Santa Maria, RS, 1941) foi um privilégio: a recepção cuidadosa do artista, a atenção de sua equipe de trabalho e a possibilidade de privar da convivência com um artista de referência na arte brasileira desde os anos 1960. A presença de Vergara no Rio Grande do Sul tem sido constante, seja pelas exposições que fez em galerias e pela sua participação nas Bienais do MERCOSUL, mas carecia de representação em uma coleção pública. A escolha do trabalho para integrar o acervo do MAC foi feita em comum acordo foi uma fotografia da histórica série do bloco carnavalesco Cacique de Ramos, obra de referência na arte brasileira dos anos 1970, agora em reedição digital e tamanho ampliado. **Rosângela Rennó** (Belo Horizonte, MG, 1962) nos recebeu em seu ateliê no bairro de Santa Teresa e pudemos compartilhar, por algumas horas das experiências compartilhadas suas mostras em Lisboa, a retrospectiva na Fundação Gulbenkian e a mostra do Museu Berardo, ambas em 2012. Essas impressões foram complementadas pela lembrança de sua participação na Bial do MERCOSUL, com sua instalação nas dependências do MAC, na Casa de Cultura Mário Quintana. A artista não definiu a indicação da obra a ser adquirida, deixando-a para ser feita posteriormente. Após o retorno a Porto Alegre recebemos imagens de trabalhos de várias épocas e escolhemos os **[masturbadores]**, da **Série Duplo V**, um texto gravado em uma chapa de zinco oxidado, pousado sobre uma almofada de veludo e espuma. Trata-se de um

trabalho de datado de 2000, um dos primeiros a optar pelo texto em detrimento da imagem fotográfica, para proceder as suas operações críticas e conceituais sobre as imagens e os textos. Apesar de termos agendado e confirmado a visita com seu assistente, o artista **Cildo Meirelles** (Rio de Janeiro, RJ, 1948) não compareceu ao seu ateliê em Botafogo no dia e hora marcados. Considerando a importância de sua obra para a coleção do MAC-RS e também a impossibilidade de substituímos seu nome por de outro artista naquele estágio do projeto, procedemos a aquisição de duas obras de sua autoria junto a colecionadores, intermediados por galeristas de Porto Alegre. Foram adquiridos um exemplar do **Zero Cruzeiro**, obra icônica da arte conceitual brasileira e uma gravura da série dos **Cantos**, que representarão, a partir de agora o artista nas coleções públicas do Rio Grande do Sul.

Através da Galeria Bolsa de Arte

Três artistas tiveram seus trabalhos agenciados pela galeria que os representa no Estado^{xi}: Jorge Menna Barreto, Saint Clair Cemin e Néelson Leirner. Dos três, somente **Jorge Menna Barreto** (São Paulo SP, 1970), não estava representado em coleções públicas no Rio Grande. Dele foi adquirido um conjunto de peças da série **Poemas de Chão**, capachos industriais fabricados unificando cores vivas e palavras construídas a partir da fusão de duas ou mais outras: trata-se de uma obra jovem e irônica, manipulando conceitos como o de objeto artístico/obra de arte e o de objeto artístico como portador de uma mensagem. De **Saint Clair Cemin** (Cruz Alta, RS, 1951) foi agenciada a aquisição de uma pintura. A intenção de adquirir uma escultura do artista foi impossibilitada pelo fato de que suas obras não são produzidas no Brasil, exigindo que a aquisição incorpore o valor da importação e do transporte da peça até o adquirente. Foi-nos sugerido a aquisição de uma pintura. A partir das imagens disponibilizadas procedemos a escolha de uma que, articulada as outras obras do artista no acervo do MARGS, dariam uma visão precisa da inventividade e do ecletismo de sua obra. De **Néelson Leirner** (São Paulo, SP, 1932) o MARGS possui uma preciosa pintura intitulada **As Comunicações II**^{xii}, datada dos anos 1960. Independente da importância intrínseca da obra ela não dava a dimensão atual da atuação do artista, caracterizado pela ironia cortante sobre o sistema de arte e suas articulações mercadológicas e conceituais. A obra agenciada pela Bolsa de Arte, é uma peça excepcional pela suas qualidades intrínsecas e pelo seu porte. Articulando elementos recorrentes nos discursos artísticos contemporâneos, como a citação, a apropriação e a paródia, a **Duchampbike** associa a isso uma dimensão física excepcional, dando ao MAC o privilégio de ser uma referência no que diz respeito a obra do artista paulistano.

As obras adquiridas

O projeto MAC 21 determinava que as obras poderiam ser em qualquer suporte, mídia ou técnica e que deveriam ajudar a constituir uma coleção mais atualizada e representativa do recente cenário nacional das artes visuais. Dentro desses critérios abrangentes, a própria seleção de artistas já indicava algumas orientações: mídias contemporâneas como a fotografia, instalações, vídeos etc. A análise das obras adquiridas enfatiza essa orientação, estando assim constituída:

| ARTISTA | FOTO | INST. | VIDEO | PINT. | DES. | OBJ. | ESC. | OUT. |
|-----------------------|------|-------|-------|-------|------|------|------|------|
| Braga, Rodrigo | | | X | | | | | |
| Bruscky, Paulo | | | X | | | | | |
| Cattani, Maria Lucia | | | | | | X | | X |
| Cemin, Saint Clair | | | | X | | | | |
| Conceição, Rômulo | | X | | | | | | |
| Corrêa, Walmor | | X | | | | | | |
| Costi, Rochelle | X | | | | | | | |
| Gadelha, Denise | X | | | | | | | |
| Koch, Lucia | X | | | | | | | |
| Leirner, Néelson | | | | | | | X | |
| Meirelles, Cildo | | | | | | | | X |
| Menna Barreto, Jorge | | X | | | | | | |
| Nicolaiewsky, Alfredo | X | | | | | | | |
| Oliveira, Henrique | | | | X | | | | |
| Pasquetti, Carlos | X | | | | | | | |
| Rennó, Rosângela. | | | | | | X | | |
| Silveira, Regina | | X | | | | | | |
| Tedesco, Elaine | X | X | | | | | | |
| Vergara, Carlos | X | | | | | | | |
| Vicente, Gil | | | | | X | | | |
| Waldraff, Têti | | | | | | | X | |
| | 7 | 5 | 2 | 2 | 1 | 3 | 2 | 2 |

Quadro 2: Lista por artistas e técnicas

Considerações finais

As visitas foram fundamentais para o projeto, por possibilitarem a negociação individual com cada artista, tanto da obra para a coleção quanto a questão do seu valor material. O valor total do prêmio, descontados os custos de produção do projeto (transporte de obras, emoldurações, impressos e produção da exposição) foi dividido em 21 cotas de R\$ 10.000,00 (dez mil reais). Esse valor não cobria os custos de mercado da quase totalidade dos trabalhos adquiridos. Deste modo foi fundamental o contato pessoal com os artistas, para que o projeto fosse explicado e pudéssemos contar com as adesões. Efetivamente foi o que ocorreu, conforme os resultados aqui apresentados: uma coleção de excepcionais trabalhos, de renomados artistas, consagrados e jovens talentos, que enriquecerão a coleção do MACRS de modo significativo, atualizando-a e promovendo a convivência e a familiaridade de nossos públicos com obras de elevada qualidade e representatividade. São fotografias, vídeos, pinturas, esculturas, objetos etc. que foram analisadas e contextualizadas em texto crítico publicado em catálogo^{xiii}.

A entrega das obras foi feita na mostra **MAC 21 – Um Museu do Novo Século**^{xiv}, em 2014, data limite para a entrega das obras e também o final da gestão de André Venzon. A

entrega, prevista inicialmente para 2013 atrasou devido as longas e infrutíferas negociações para a inauguração da exposição da futura nova sede do museu. Se algumas expectativas, como a da sede, foram frustradas, o projeto obteve ampla repercussão junto aos públicos do museu e o reconhecimento da classe artística e cultural local, conforme podemos ler na edição *on line* do periódico:

Considerado um Museu abandonado em janeiro de 2011, quando iniciou a atual gestão, o MACRS, não só renovou o acervo que lhe deu origem, como resgatou sua credibilidade como instituição pública dedicada a arte contemporânea. Criado pelo decreto nº 34.205 em 04 de março de 1992, é um órgão vinculado à secretaria estadual da cultura e tem por objetivo pesquisar, preservar e divulgar a arte contemporânea regional, nacional e internacional.^{xv}

Se pessoalmente, como curador, participar do projeto foi um privilégio e a culminação de uma etapa profissional, para o museu, o MAC 21 caracterizou-se por ser o projeto de sonho que o dignificou, retirando-o das práticas administrativas do século XX e lançando-o no século XXI. Inicialmente é importante ressaltar que, após anos de penúria e sempre dependendo de penosas argumentações junto aos artistas para a doação de obras (negociações quase sempre bem sucedidas, devido à generosidade, o desprendimento e a consciência social dos artistas), o MAC-RS pode, finalmente, chegar junto aos artistas e propor uma aquisição por compra. Outro aspecto é o da efetiva complementação do acervo do museu, com acréscimo de obras de referência e de alta qualidade. Mais um aspecto: a elevação da auto-estima da instituição, junto aos seus gestores e, principalmente, aos seus públicos – artista, estudantes, visitantes etc. – que tiveram a oportunidade de compartilhar uma experiência de exceção durante todo o processo, devido a ampla divulgação e visibilidade que o projeto ganhou desde o momento do anúncio de sua efetivação. (**FIGURA 2**)

Otimismos à parte, a atual situação do MAC-RS infelizmente sofreu uma revés se comparada à gestão do governo anterior. Como resultado da ausência de um projeto cultural e da reduzida atenção dada pelo governo do Estado à Cultura levou-o a desarticular o seu Conselho Consultivo, a esvaziar a participação da Associação de Amigos do Museu (seu braço contábil, que permitiu a realização do projeto) e a eliminar da sua agenda, ao menos publicamente, a campanha por uma sede definitiva. Associada a crônica ausência de uma política cultural efetiva, que penaliza inicialmente os gestores indicado e do abandono devido a falta de recursos materiais e de pessoal, o MAC-RS retrocedeu seriamente: ele perdeu seu potencial de credibilidade e visibilidade nacional, posição arduamente conquistada nos quatro anos anteriores, ao reduzir suas manifestações a um espectro doméstico e rotineiro.

ⁱ O Prêmio Marcantonio Vilaça é uma realização da Funarte/Ministério da Cultura, com o objetivo de estimular a produção artística nacional e o pensamento crítico acerca da produção contemporânea, caracterizada por sua multiplicidade de linguagens. Visa também a aquisição de obras destinadas ao preenchimento de lacunas

pontuais em acervos de instituições museológicas, públicas e privadas, sem fins lucrativos. O MACRS ganhou duas vezes o Prêmio na sua gestão, nos editais de 2010 e 2013.

ⁱⁱ O Projeto MAC 21 teve, principalmente sua etapa de aquisição de obras, a necessidade imperiosa de contatos pessoais com os artistas e/ou seus agentes. Isso se deveu ao fato de que o valor de 300 mil reais alocado pelo prêmio, deveria ser dividido entre os contemplados. O MAC optou por partilhar o prêmio em 21 cotas de R\$ 10.000,00 (dez mil reais), um valor que não cobria os custos de mercado da maioria dos trabalhos adquiridos. Assim sendo, era necessário que ocorresse o contato pessoal com os artistas, para que o projeto fosse explicado e pudessemos contar com a sua adesão.

ⁱⁱⁱ Dentre os artigos publicados sobre o MAC-RS e sua trajetória destacamos dois: o de Bianca Knaak, intitulado “O MAC do Rio Grande do Sul: um museu que resiste (existe?)” (2011) que aborda os problemas gerais da instituição enfatizando, entretanto, a ausência de acordos tácitos de funcionamento entre o museu e seus gestores. Intitulando a instituição de uma “*intenção-de museu*” considera-o, em resumo, como uma instituição inócua dentro do contexto museal da cidade e do estado. (Disponível em:). O segundo é o de Paula Ramos, intitulado “MACRS: 21 anos de algumas conquistas, muitas crises e permanentes indefinições” (2013), que relata os 21 anos de história da instituição, possibilitando uma visão precisa dos problemas que afetam o MAC desde sua fundação e as estratégias empregadas por seus gestores para sua sobrevivência (Disponível em:)

^{iv} André Venzon (Porto Alegre, 1976). Artista visual e gestor público. Dirigiu a Associação de Artes Plásticas Francisco Lisboa e o Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul, MAC-RS, no quadriênio 2012-2015. na gestão XXXX/XXXX.

^v Realizada na Galeria Francisco Stockinger, da Casa de Cultura Mário Quintana, a mostra contava com obras de 38 artistas, abrindo com pinturas de Cândido Portinari e Emiliano Di Cavalcanti. A partir daí desenvolvia-se em módulos sobre o abstracionismo geométrico (Hercules Barsotti, Dionísio Del Santo, Abelardo Zaluar...), a figuração social (Clube de Gravura), a figuração livre (Marcelo Grasmann, Lívio Abramo...), o informalismo (Manabu Mabe, Iberê Camargo, Arcângelo Lanelli...), a Nova Objetividade (Avatar de Moraes, Rubens Gerchamnn, Cláudio Tozzi, Glauco Rodrigues...), a nova figuração (Magliani, João Câmara, Gilvan Samico...), conceito e processo (Carlos Pasquetti, Regina Silveira, Vera Chaves Barcellos...) e o Hipperrealismo de Glauco Pinto de Moraes e Carlos Alberto Petrucci. Após essa fui convidado pela direção do MAC-RS para fazer outras curadorias, como *O Espírito Pop* (1993), *Jovem Pintura Figurativa* (1994), *Arte contra AIDS* (1994), além da participação em diversas comissões de seleção e, posteriormente, como membro do Conselho Consultivo do Museu. Em 1999 fui convidado a dirigir o IEAV (Instituto Estadual de Artes Visuais) e também o MAC-RS (cargos vinculados) no novo governo. Foi uma experiência de alguns meses encerrada devido a compromissos pessoais. Após isso participei de projetos de inúmeros eventos: pela revitalização do museu, campanhas por sede, reuniões e debates sobre a situação, manifestações, abaixo-assinados, publiquei artigo sobre a importância e necessidade do MAC para a comunidade em jornal de grande circulação, ou seja, mantive-me ativo com o MAC durante todo o período.

^{vi} Essa não foi uma experiência totalmente inédita, pois anteriormente, ainda em 1994, a convite da Associação de Amigos do MARGS, coordenei o projeto de aquisição de obras para a coleção do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli – MARGS, patrocinado pela AAMARGS – Associação de Amigos do Museu de Arte do Rio Grande do Sul. Na época a ação teve um significado extraordinário pois, pela primeira vez, desde os anos 1960, o Museu despendeu recursos para aquisição de obras. Mesmo que o valor em questão tivesse caráter muito mais simbólico do que necessariamente material, isso compensou financeiramente, ao menos em parte, os artistas pela cessão de suas obras.

^{vii} Esse foi o título escolhido para o artigo que foi publicado no jornal Zero Hora, em 16/03/2013, por ocasião do lançamento do projeto.

^{viii} Dos vinte e um artistas inicialmente listados apenas dois não se manifestaram, apesar das insistentes tentativas da equipe do MAC, seja por e-mail ou por telefone. A solução encontrada foi, após o pedido de autorização do Ministério, substituir os desistentes por outros nomes.

^{ix} Marga Pasqualli é proprietária da Galeria Bolsa de Arte (Porto Alegre e São Paulo),

^x O projeto foi apresentado no Palacio de Cristal, no Parque del Retiro, em Madrid, no ano de 2005.

^{xi} Galeria Bolsa de Arte.

^{xii} Óleo sobre tela, 30 x 87 cm., tombada sob o nº 964., catálogo p. 175.

^{xiii} PRÊMIO DE ARTES PLÁSTICAS MARCANTONIO VILAÇA 2010 (4. 2010: Rio de Janeiro, RJ) / Carlito Rodrigues (Coord.). Rio de Janeiro: FUNARTE, 2014.

^{xiv} A exposição abriu em 16/12/2014 e ficou em exibição até 08/03/2015. Foi, ainda em 2014, escolhida uma das 10 melhores exposições do ano, pela equipe de articulistas do jornal Zero Hora (ver em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2014/12/museu-de-arte-contemporanea-do-rs-abre-exposicao-mac-21-4663745.html>)

^{xv}

Disponível

em:

https://www.facebook.com/events/367375416764979/?acontext=%7B%22ref%22%3A%22%22%2C%22ref_newfeed_story_type%22%3A%22regular%22%2C%22action_history%22%3A%22null%22%7D. Acesso em 02 de agosto de 2017.